



IDOLATRIAS ... AMAR O APARENTE

Um dos principais problemas com que se debatem as Artes Marciais, e não só, é o esvaziamento daquilo que elas são e dos valores que as alimentaram ao longo de anos.

A idolatria, típica da época em que vivemos, em que a imagem é sobrevalorizada face à realidade, é da responsabilidade de uma sociedade que prima pelo controlo mas também é da responsabilidade dos responsáveis de Escolas que perante dificuldades abdicam dos princípios para poderem “sobreviver”. O que fica são resíduos e aparências que nada têm a ver com aquilo que era. Alguns falam que é a adaptação aos tempos ... Acredito que os tempos são outros, os contextos idem, mas vinho é vinho, não é zurrapa. A tecnologia e o contexto social que vivemos hoje têm de ser tido em conta para que as ciências das Artes Marciais possam ser transmitidas, na sua essência e naquilo que elas têm de construtivo, aos novos candidatos a “samurai”, guerreiros ou o que seja. Um exemplo do que falo é a proliferação de “coisas” a que chamam de artes marciais que mais não são que projectos de brutalização justificando-se na necessidade das pessoas poderem se defenderem. O primeiro passo para entender que estamos a ser alvos de uma agressão é através da inteligência pois é ela que nos vai permitir distinguir a verdadeira face do inimigo. Um general planeia, prepara, espera e ataca. A ordem não é o inverso. Ao inverter a ordem estamos a subverter a mesma e a travestir aquilo que ela é ... um processo pessoal de desenvolvimento pessoal, com fundamentação científica.

Tantos movimentos e projectos têm surgido e que são absorvidos pela “sociedade” e tornados inócuos e meros produtos de consumo. As artes marciais são artes porque têm um processo próprio e o entendimento do que são é fundamental para a sua continuação enquanto ferramenta pedagógica.

Artes vem do latim Ars, técnica ou habilidade e tem no seu âmago componentes estéticos, sociológicos, lúdicos, religiosos, morais, experimentais, pedagógicos, mercantis, psicológicos, políticos e ornamentais, entre outros. Marcial de Marte, Deus da guerra. É uma actividade tão antiga como a humanidade e pelo que elas são, não deverão ser objecto de uso indiscriminado pelas consequências que daí advêm, embora a história demonstre frequentemente que o homem age muito com a ausência da cabeça, medindo a verdadeira dimensão das consequências das suas decisões. Nenhuma actividade humana foi tão constante e influência tanto todas as áreas de actividade da humanidade.

Sinto-me penalizado por ver aquilo que esteve na base da criação de impérios, desenvolvimento científico, mudanças sociais e políticas (pela positiva e pela negativa, pois as coisas são aquilo que fizermos delas) ser relegado para uma actividade quase marginal e cada vez mais de marginais sejam eles puros brutamontes sejam de colarinho branco. Onde estão os cavaleiros e os códigos de cavalaria, os ideais de defesa dos mais fracos e da liberdade hoje? Talvez numa festa da cerveja, à porta de uma discoteca ou em algum gabinete de uma qualquer máfia.

Mais que nunca, aqueles que estão com seriedade no campo de trabalho das Artes Marciais deviam entender que o simples facto de não haver um processo selectivo “normal”, e real, que termine com a proliferação de marginais, no sentido negativo do termo, vai desenvolver idolatrias e perverter um



trabalho fundamental para os tempos actuais, pois as Artes Marciais e as suas Escolas devem ser não só locais de estudo técnico mas também formativo ao nível cultural e ético/moral, e de uso da inteligência. Novos mecanismos, novas abordagens metodológicas que respeitem o que são as Artes Marciais e as valorizem também como disciplina científica são fundamentais para que estejamos com os pés bem assentes na terra e que as idolatrias que tanto danificam um trabalho honesto terminem de vez.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1013